

# O ENSAIO

ESCRITORIO DA REDACÇÃO  
PATEO DO PARAIZO  
N. 26 1º ANDAR.

PERIODICO SCIENTIFICO E LITTERARIO

PUBLICA-SE DUAS VEZES  
POR MEZ A RAZÃO  
DE 500 RÉIS.



*De Deus é maldição a ignorancia,  
Nas azas da instrucção ao céo subimos.*

(W. SHAKSPEARE.)

Redactores — Oliveira Escorel e Henrique Capitolino

## O ENSAIO

DR. JOSÉ SOARES DE AZEVEDO.

Uma palavra tambem nossa vá juntar-se á tantas outras que pranteiam a morte daquelle nosso venerando mestre. Uma palavra tambem nossa vá ecoar por entre os cyprestes, a cuja sombra descança Dr. José Soares de Azevedo.

Ainda bem o funereo bronze não acabava de soar; ainda bem o chão humido pelas lagrimas derramadas á beira do tumulo do Dr. José Antonio de Figueiredo não tinha seccado; ainda bem não tinham desaparecido os vestigios dos passos lentos d'uma fileira mortuaria; ainda bem o cynico operario não tinha lavado a sua colher; ainda bem sentado á sombra de alguma arvore, por entre as ruas daquella triste cidade, não tinha descançado, já um novo toque de sineta annuncia novo visitante! E' o mestre do povo, o incançavel preceptor da mocidade, o denodado campeão das letras, que acaba a sua victoria, quando já forças não tinha para sustentar e defender seu pavilhão. Esgotou-as na luta.

O negro livro do fatal destino mais uma pagina reunio a si; a luz da lampada, que regulava seus dias, acabou de extinguir-se, e elle foi tomar assento na mesa dos festins da eternidade. Foi a náó que, vogando no mar immenso da gloria, sem encontrar abrolhos, foi em busca de um Novo Mundo.

Aquella fronte illuminada pelo clarão da sciencia, cujo reflexo pairava aqui, alli, além, foi ser circumdada por uma nova aureola que fosse eterna, foi receber o premio das suas vigílias.

O Brasil parece que está condemnado a trajar luto eterno!

Não ha ainda um anno, chorava-se a perda do imminente estadista Visconde de Souza Franco, o orador arrojado da tribuna parlamentar, onde só subia para fazer valer os direitos do povo. Ha bem pouco, baixou á sepultura Monsenhor Muniz Tavares, aquelle que regou com seu sangue a santa arvore da liberdade, aquelle que, ao fuzilar do canhão, ao clarão da metralha, não estremecia, sentia mais vivo o sentimento — amor da patria; aquelle que deixou á patria um bem reputado nome nas letras! Tudo trajava luto, sentia bem viva a saudade. Esperava-se que a mão de Deus se estendesse sobre esta plaga e fizesse cessar a dôr. Porém em breve segue Dr. José Antonio de Figueiredo, aquelle que sabia elevar a cadeira de mestre á dignidade de altar, aquelle que, captando a amizade, sabia medir o espaço que vai do discipulo ao mestre.

Não estava completo o quadro; naquella lacrymosa scena, faltava uma personagem, e esta foi Dr. Soares de Azevedo.

Toda sua vida passou instruindo a mocidade, que ávida corria a beber as suas doutrinas. Doente, acabrunhado pelos annos, quando devia descançar das fadigas de tanto tempo, era o mesmo a resolver as mais difficeis questões, a servir a quem quer que lhe procurasse, só por amor á sciencia. Comprehendeu repartir o pão da sciencia, e assim o fez, morrendo com as armas na mão.

Quando se tem chegado ao céo da gloria, a existencia é pesada, disse Natividade Saldanha. Foi o que com o Dr. José Soares de Azevedo succedeu. Viajor á terra santa, chegára ao monte, e a avistára.

Outr'ora, entre os antigos e ainda hoje, á beira do tumulo, como o ultimo movimento feito ao morto, atirava-se um punhado de

areia dentro. Era o ultimo adeus. Nós, porém, que não tivemos esta felicidade, diremos:—A terra lhe seja leve, e repetiremos as eloquentes palavras do Dr. Epaminondas de Mello: « Na memoria dos povos gravam-se para sempre os nomes de seus cidadãos illustres. »

*Nilson.*

O Dr. Antonio Rangel de Torres Bandeira, e suas obras poeticas.

Podieis ser feliz! Ah! entretanto  
Fostes roubado de repente ás lettras,  
E murcharam-se emfim, as esperanças,  
Que em vosso peito alimentaveis sempre!  
Gloria da patria! O misero governo,  
Que só protege aos homens corrompidos,  
Vos legára somente o esquecimento,  
Em recompensa de trabalhos tantos!

(EDUARDO DE CARVALHO.)

Que fatalidade!...

Parece que as crueis Parcas se aprazem em amortilhar o genio, que começa a expandir-se; parece que o terrivel destino se esmera em decepar de um só golpe as azas da aguia, que em seu vôo vertiginoso procura topetar com o infinito, e que o tufão desabrido da desgraça sempre procura arremessar ao chão a rosa que, apenas desabrochando, começa a expargir pelo ambiente que a cêrca, a sua suave fragrancia!

O Brasil tem sido martyr!

Muitos dos seus poetas tem baixado ao tumulo na primavera da vida!

Quando o enthusiasmo de seus genios juvenis deixa apenas antever o futuro brilhante que os espera, a morte os conduz ao tumulo, marco das glorias e esperanças mundanas.

\*  
\* \*

Casimiro de Abreu, o poeta das — Primaveras — recolheu-se ao tumulo quando a sua lyra d'ouro começava a desferir os seus melodiosos cantos, quando o seu genio sublime começava a erguer-se nas azas da esperança.

\*  
\* \*

Junqueira Freire, o poeta das — Inspirações do claustro — aquella lyra febril quebrou-se quando entoava as primeiras notas; morreu quando começava a balbuciar a soberba linguagem da poesia.

Amou! e este amor foi a sua perdição.

« Ah! engano sempiterno da vida. (Diz o joven poeta). O amor não enche o coração, nem completa o espirito. Ainda depois da fruição ha alguma cousa que se deseja!

« Agora, se meus labios ainda podessem tocar nos seus, era já isto um crime, — um crime que não existia naquelle tempo. Mas eu o desejava ainda, — custasse-me mil perjuros! O coração é o instrumento das contradicções.

« Não o posso, porém. Ella não está na campa; mas o lugar em que está reclinada é mais solemne que o tumulo. »

.....  
Era o thalamo!

Esta terrivel impossibilidade gerou-lhe n'alma a negra idéa do suicidio, e logo depois a resolução firme de se encerrar em um claustro!

Pobre mancebo! Procurou a cellula do monge para servir-lhe de tumulo, e ella só servio de aguçar-lhe horriavelmente os soffrimentos, de maguar-lhe uma á uma as fundas chagas do seu coração...

Felizmente o sopro gelido da morte veio pôr termo aos seus soffrimentos mundanos, servio-lhe de suave brisa para extinguir os ardores de sua alma abrasada pelo fogo das paixões!

Pobre moço! Praza á Deus que mais feliz fosse na eternidade!....

\*  
\* \*

Alvares de Azevedo!...

Que phantasma negro se apresentou á seus olhos logo no arrebol da existencia!

Tão moço e quando a vida tem mais poesia, quando o mundo tem mais attractivo, quando o genio tem mais fogo e enthusiasmo, já seus cantos eram repassados de uma amargura extrema, já sua lyra melancolica rendia homenagens á macilenta e desgrenhada deusa da tristeza.

O materialismo do seculo o matou na primavera da vida!....

Como Byron, sonhador do ideal, elle percorreu o mundo em busca do objecto de suas inspirações, e como não o achou visou o infinito e para lá dirigio seu vôo altivo, pronunciando na retirada uma estrophe de desprezo:

« Eu deixo a vida, como deixa o tedio  
« Do deserto, o poento caminheiro;  
« Como as horas de um largo pesadello  
« Que se desfaz aos dobres de um sineiro!

\*  
\* \*

Gonçalves Dias, o distincto poeta, cujos

cantos échoaram até no mundo antigo, de quem o Maranhão e todo o Brasil emfim se ufanam, e a cuja memoria os seus comprovincianos erigiram um monumento predestinado a transmittir á posteridade as suas glorias, morreu tambem moço, legando entretanto á litteratura patria diversas obras de poesias, que encantam pela elegancia da fórma e sublimidade do pensamento.

Quando voltava de uma de suas viagens ao velho mundo, e quando já trazia a colheita da historia patria, que á custa de tantas fadigas e labores fizera nos archivos d'além-mar, o oceano, qual féra traidora, escancara as suas enormes fouces, e sepulta-o em suas entranhas!

Elle foi o poeta mais americano que o Brasil possuiu. Como os seus compatriotas elle tambem revestio as suas poesias de bellezas européas, elle tambem foi imitador dos vates do mundo antigo, todavia não se esqueceu de cantar a magestade de sua patria, de descrever os costumes dos nossos indigenas e de pintar ao vivo a elegancia de nossa natureza.

\*  
\* \*

Castro Alves, o autor das — Espumas fluctuantes — deste admiravel ramalhete de flores preciosissimas, foi tambem uma victima immolada á morte prematura.

\*  
\* \*

Varella, o sublime poeta fluminense, essa aguia que habitava, ainda ha pouco, as cumieadas do Rio de Janeiro, desferindo seu ultimo canto — Evangelho nas selvas — levantou o vôo e foi pousar junto ao throno do Eterno!

\*  
\* \*

Natividade Saldanha, o poeta pindarico, o cantor dos restauradores pernambucanos, o martyr da revolução de 1824, foi acabar seus dias, ainda muito moço, longe da patria, soffrendo os agores da sorte e os tormentos do desterrado!

\*  
\* \*

Franco de Sá... Guilhermino... Paes de Andrade... e tantos outros!...  
Que longa necrologia!...

(Continúa).

H. C.

## O BARQUEIRO DO TIBRE

ROMANCE HISTORICO VERTIDO DO ORIGINAL ITALIANO DE ANTONIETTA KLITISCHE DE LA GRANGE, E OFFERECIDO Á ILLUSTRE REDACÇÃO DESTE PERIODICO.

### PARTE I

### CAPITULO III

(Continuação)

#### O AFOGADO

O grave ancião e Sergio seguiam Decio Fulvio: o primeiro afadigava-se em redor do moribundo, esfregando-lhe os pés com baêta, e o segundo, immovel e com os olhos fitos no semblante de Marcello, parecia ter-se convertido de improviso em uma estatua de marmore.

— Como caio no Tibre este infeliz? interrogou Decio.

Sergio não ouviu a pergunta e proseguio a permanecer engolfado no mais profundo silencio.

— Responde, como o salvaste? replicou Decio, sacudindo o barqueiro por um braço.

— Elle dormia no parapeito da ponte Palatino, eu o vi cair e atirei-me ao rio afim de salva-lo, respondeu Sergio.

— Desgraçado! voltava talvez de alguma orgia, e caio embriagado, exclamou Decio com profundo pesar.

Marcello jazia immovel e sem sentidos; em vão esfregavam-no da cabeça até os pés, os seus membros estavam algidos e entorpecidos. De repente fez ouvir um rouco gemido, depois inteiriçou-se como um cadaver.

— Morto! oh! Jeronymo, pede ao Omnipotente que este desgraçado não morra impenitente, exclamou Decio com fervor.

Uma expressão de passageira tristeza sobreu o semblante de Jeronymo, depois um raio de fé divina lhe scintillou nos olhos; aproximando-se do leito estendeu os braços, collocando as mãos sobre os negros cabellos de Marcello, e com a fronte erguida para o céo, disse em tom de fervorosa supplica:

— Eterno Deus, na tua colera não o castigues!

— Redemptor da humanidade, escuta as orações de teu servo, disse Sergio prostrando-se.

Sergio ajoelhou-se machinalmente, mas os seus labios permaneceram mudos.

A pallida luz da lampada illuminava esta scena solemne e reflectia na alta e magestosa estatura de Jeronymo, que então estava ainda mais imponente.

De subito Marcello agitou os braços, como querendo nadar, depois suspirou e virou-se para um lado.

— Omnipotente Deus, disse Jeronymo, erguendo as mãos com ineffável gratidão, louvado sejaes!

— Louvado sejaes eternamente, accrescentou Decio, erguendo-se cheio de reconhecimento para com o Altissimo.

Pouco a pouco Marcello recobrava os sentidos, e Jeronymo vendo que elle melhorava, sorria com angelica doçura.

Sergio parecia indifferente a tudo, immerso em uma apathia surpreendente; posto que molhado da cabeça até os pés, não sentia o frio occasionado pelas suas humidas vestes, e com os olhos fixos contemplava o leito de Marcello.

Em quanto o irmão de Valeria estivera moribundo, todos os cuidados de Jeronymo e de Decio lhe eram dirigidos; agora, porém, dirigio-se Jeronymo ao barqueiro, e, impellido pela caridade christã, sua principal virtude, lhe disse:

— Tu tremes, tens frio; vem comigo, eu enxugarei os teus membros.

Sergio obedeceu, e depois de vestir uma capa de Decio, foi interrogado por Jeronymo:

— Como se chama aquella que salvaste de tão horrivel morte?

— Ignoro-o, respondeu o barqueiro.

— E por salvar um desconhecido arriscaste a tua vida? replicou Jeronymo commovido.

— Fiz o meu dever, disse Sergio friamente.

— Fizeste mais do que isto! exclamou Jeronymo; depois, estendendo a mão ao velho barqueiro, accrescentou: curva a cabeça, magnanimo varão, e em nome do Omnipotente recebe a benção de um ministro da igreja de Christo.

Uma expressão indefinivel alterou o semblante de Sergio, uma lagrima caio-lhe dos olhos, sulcando lentamente as suas rugosas faces; elle inclinou a fronte sobre o peito e fez um movimento como que querendo ajoelhar-se; mas, indireitando-se subitamente, cobriu o rosto com as mãos, e exclamou:

— Não me bemdigas, eu não o mereço! depois fugio-lhe e correndo como se as suas pernas tivessem a elasticidade das de um joven de dezeseis annos, deixou a casa do patricio Decio Fulvio.

Sobremodo surpreso e commovido pelo repentino desaparecimento de Sergio, Jeronymo sentou-se sobre um escabello de pedra, e entregou-se a uma profunda meditação.

Jeronymo compadezia-se dos infelizes, tão

bom era o seu coração! Em vez de detestar o crime com toda a força de sua alma, eminentemente virtuosa, lastimava os crimosos, e com doces palavras fazia-os trilhar o verdadeiro caminho; a vida daquelle doutor da igreja abundava em obras pias e caridosas.

Membro de uma nobre familia oriunda da pequena cidade Stridone, proxima a Aquiléa, em boa hora foi elle para Roma por ordem de seu pai, afim de aperfeçoar-se em seus estudos, e teve por mestre o celebre grammatico Donato. Rápidos foram os seus progressos, e a sua arrojada eloquencia surprendia a quantos escutavam-no. Ancioso por alcançar novos conhecimentos, resolveu-se a fazer uma viagem a longinquas regiões; voltando á Roma, ahí permaneceu longo tempo; depois partio para o Oriente e retirou-se para o deserto da Colchida, que divide a Arabia da Syria, onde por espaço de quatro annos viveu na mais austera penitencia. Pelo máo estado de saúde foi obrigado a abandonar o deserto e retirar-se para Bethlem, onde escreveu a maior parte daquellas obras que, para gloria da igreja, deveriam chegar até nós.

Então verdadeiros homens de genio honravam-se em receber conselhos do anachoréta da Colchida, o qual sempre humilde e religioso, entristecia-se por ver se lhe dar tanta consideração.

O pontifice Damaso I, afim de extinguir o scisma de Antiochia, convocou um concilio, ao qual Jeronymo foi chamado; em seguida permaneceu em Roma, em obediencia á vontade do santo padre, que muito o estimava.

Dotado de um caracter energico e severo, pregava e escrevia continuamente contra a molleza e depravação dos costumes daquelle época, de modo que a sua franca linguagem provocou o odio de todos os malvados, que, não podendo vingar-se d'outro modo, calumniavam-no, espalhando contra elle nefandos libellos. Mas o que póde o odio dos perversos contra os protegidos de Deus? Nada; porque, apreciado dos bons o nome do santo doutor devia atravessar os seculos, circumdado d'uma aureola fulgente de celeste gloria!

Chegando a Roma, Jeronymo encontrou Decio que chorava sobre o tumulo de sua mãe, ha poucos dias fallecida; Jeronymo compadeceu-se delle e confortou-o fallando-lhe d'uma vida melhor, onde se encontram aquelles que se amaram; e o santo, que para consolar uma matrona, havia dito: « Não é bom consolador aquelle que não sabe chorar e fallar ao mesmo tempo, nem tão pouco comprehender a dór alheia », chorou com Decio.

As palavras de Jeronymo confortaram o co-

ração afflicto do joven patricio, que desde aquelle dia venerou sempre o santo doutor, o qual amando-o, como se elle fôra seu filho, permanecia frequentemente em sua modesta casa para exhorta-lo na pratica das virtudes christãs.

Jeronymo estava medifabundo na camara, onde o barqueiro o deixára, quando Decio disse-lhe que Marcello dormitava tranquillamente.

A alegria de Decio augmentava, por isso que elle estimava o joven libertino; Jeronymo não deixou de notar isto, e sorrindo disse-lhe:

— Não julgava que tivesses um amigo tão caro.

— Eu não ousei fallar a tal respeito, porque Marcello é um daquelles patricios, cuja existencia é uma continua orgia; a virtude não está de todo riscada de seu coração, mas dorme profundamente. Ha tres annos, que uma noite atravessando eu em uma das mais remotas viellas de Sobura, vi-o assaltado por quatro malfetores que queriam assassina-lo; corri em seu soccorro, e desde então data a nossa amizade. Bem diversos são os seus costumes dos meus. Orphão, não querendo ouvir os meus conselhos, anda elle sempre rodeado de uma chusma de parasitas, que o impellem a perdição.

Infelizmente elle não caminha sozinho ao precipicio que lhe está imminente; leva consigo uma joven, a qual, graças á sua bondade, fal-o não succumbir á força dos mãos exemplos. De um momento para outro uma turba de implacaveis credores póde arremessal-o á miseria, e então o que fará elle, gasto, como se acha, por uma vida depravada?

— Corrigir-se-ha; porém em todo caso urge salvar aquella infeliz donzella dos perigos que circumdam-na, disse Jeronymo.

— Para salv-a, exclamou Decio, meio exaltado, envido todos os meus esforços.

— Como quer que seja, replicou Jeronymo, façamos votos a Deus por elles; porém é tarde, accomoda-te sobre a mesa, já que na tua casa não ha cama. Eu velarei ao pé do teu amigo.

— Como poderei dormir, sabendo disso? respondeu Decio não querendo deitar-se.

— Obedece: em tua idade o somno é necessario. Quanto a mim, já estou affeito á vigílias, e as horas mais felizes da minha vida são aquellas em que a sós, no silencio da noite, o meu espirito longe da terra eleva-se ás celestiaes espheras.

Decio contrariado sujeitou-se á vontade do respeitavel varão, e accomodado sobre uma

dura mesa de marmore, não podendo conciliar o somno, olhava para a estancia contigua, onde Jeronymo, sentado junto do leito de Marcello, conservava-se absorto no extasis de uma fervorosa oração.

(Continúa.)

## HISTORIA PATRIA.

Esboço Historico da Provincia de Pernambuco

POR

H. C.

PARTE PRIMEIRA

CAPITULO VI <sup>(1)</sup>

*Fundação de Olinda.*

Tendo Duarie Coelho batido os Francezes e os Indios, seus alliados, e fundado a feitoria de Iguarassú, como já ficou dito, dirigio-se para Portugal, onde chegando casou-se com D. Brites de Albuquerque, dama do paço, filha de Lopo de Albuquerque e de D. Joanna Bulhão.

Conseguindo em vista dos seus relevantes serviços a capitania de Pernambuco, como tambem já ficou dito, a qual comprehendia 60 leguas de costa, incluindo nellas a actual provincia das Alagoas, e cuja doação foi-lhe passada por el-rei D. João III em 1534, voltou para Pernambuco nos annos de 1531 a 1532, acompanhado de parentes <sup>(2)</sup> e homens

<sup>(1)</sup> Vide o n. 3 de 15 de Outubro de 1875.

<sup>(2)</sup> O Sr. Varnhagen diz que elle trouxera tambem a mulher; o Sr. Fernandes Gama, porém, diz que esta viera, depois de edificada Olinda, visto como Duarte Coelho não a exportaria aos rigores do principio da colonisação; porém isto não passa de uma supposição. O que é certo, é que com ella veio um irmão chamado Jeronymo de Albuquerque (como consta do testamento d'elle).

Este varão illustre chegando á Pernambuco, logo em um dos primeiros encontros com os Indios, perdeu um olho e ficou prisioneiro, sendo por conseguinte condemnado á morte. Mas tendo por elle se apaixonado a filha do cacique Arco-Verde, tanto implorou á seu pai que conseguiu d'elle, não só a vida e liberdade do prisioneiro, mas até a alliança da tribu com os Portuguezes.

Tendo esta india se baptisado tomou o nome de Maria do Espirito-Santo Arco-Verde, e

de guerra, ávidos em fruir as riquezas deste abençoado solo que, quasi desconhecido ainda, já gozava fama de rico e productivo.

O seu dominio para o sul limitava-se, segundo a carta de doação, pelo rio S. Francisco, e para o norte pelo rio Santa Cruz de Iguarassú, d'onde começava as 30 <sup>(3)</sup> leguas dadas á Pedro Lopes, e nas quaes estava incluída a ilha de Itamaracá, de que logo fallaremos.

Tendo chegado em Pernambuco, desembarcou em Itamaracá, e seguiu para Iguarassú onde se demorou algum tempo, guarneecendo e fortificando-o com entrincheiramentos para protege-lo dos ataques dos Indios.

Compenetrado da necessidade da alliança com os indigenas, pôde á custa de um procedimento regular para com elles, alliar-se com os Tabayres <sup>(4)</sup>, dos quaes um dos chefes, segundo suppõe Fernandes Gama, era o tal Arco-Verde, de que fallamos na nota.

Tendo assim disposto tudo em Iguarassú, partio á frente de um pequeno exercito de Portuguezes e indios auxiliares, em busca de um lugar apto para a fundação de uma cidade marítima, que lhe servisse de capital.

della teve Jeronymo de Albuquerque oito filhos naturaes, tendo além destes mais cinco de outras mulheres.

Tendo conhecimento deste procedimento irreligioso a rainha D. Catharina, que neste tempo governava o reino pela menoridade de seu neto D. Sebastião, aproveitou a vinda de D. Christovão de Mello e sua familia para Pernambuco e pediu-lhe que casasse com uma das suas filhas.

Jeronymo de Albuquerque obedeceu, casando-se com D. Felippa de Mello, filha de D. Christovão, de cuja mulher teve onze filhos, que com os naturaes perfazem a somma de vinte e quatro.

Segundo prova a Nobiliarchia Pernambucana, a familia dos Cavalcantis de Pernambuco, descende do consorcio de D. Catharina, filha de Jeronymo e a india, com Felippe Cavalcanti, fidalgo de Florença, e não da filha de D. Felippa de Mello, como diz Rocha Pitta.

Tal é em resumo o que de Jeronymo de Albuquerque diz o Sr. Fernandes Gama.

<sup>(3)</sup> Pedro Lopes teve de doação 80 leguas de costa, porém 50 foram na actual provincia de S. Paulo.

<sup>(4)</sup> Diz Southey e outros escriptores que foram estes os primeiros indigenas, que se alliamam com os Portuguezes.

Em Janeiro ou Fevereiro de 1532 <sup>(5)</sup> avisou elle um bello promontorio, cujo prospecto arrebatador arrancou-lhe dos labios esta phrase: *O linda situação para se fundar uma cidade.* « A exclamação foi um baptismo. » A nova villa, que desde logo começou a ser edificada, se denominou Olinda. <sup>(6)</sup>

Neste terreno em que se edificou ella, existia uma povoação dos Indios denominada *Marim*. <sup>(7)</sup> Assim, pois, a Marim dos indigenas se converteu em Olinda dos Portuguezes.

Todavia os Cahetés, ferozes selvagens, de quem o historiador Rocha Pitta diz que Duarte Coelho foi obrigado a conquistar palmo á palmo o que lhe tinha sido dado por leguas, não descançavam; a sua ferocidade tornava-se ainda maior á vista dos Portuguezes, que os queriam escravisar.

(Continúa).

## Cartas.

### I

*Juca.*

Tenho bem vivas recordações daquelle tempo de encantos, em que nós juntos, colhendo as melhores flores do jardim, iamnos offerecel-as a Julietta e Etelvina, nossos sonhos dourados, e ellas-as retribuiam com as cheirosas ameixas, que pela manhã no passeio não deixavam do colher. Lembro-me ainda daquella occasião em que, estando com duas cheirosas ameixas dadas por Julietta, lamentava que ellas fossem doces no principio e azedas no fim, e ella me respondêra que assim era o amor do homem.

O Guarany era a nossa leitura de todos os dias ao entardecer no alpendre, ou o Moço

<sup>(5)</sup> « Não me foi possível descobrir com certeza o dia da fundação de Olinda: a época que eu lhe dou é a mais aproximada, e deduzida de certas passagens dos autores que tenho consultado, o que seria enfanho aqui referir. »

<sup>(6)</sup> O Sr. Varnhagem diz em sua Historia Geral do Brasil que foi este nome derivado de alguma povoação de Portugal, de grata recordação para Duarte Coelho.

<sup>(7)</sup> Diz Varnhagem que *Marim* se deriva de *Mair-y*, que significa *Agua ou Rio dos Francezes*, d'onde conclue que foram os Francezes os primeiros, que ahi se estabeleceram.

Louro. Cecy era a predilecta de Julietta, que outro nome não queria se lhe dêsse. Tudo era innocencia. Quão bem longe vai esse tempo!

A' noite em nosso quarto rabiscavamos alguns sonetos ou maldiziamos a presença em nossos passeios da velha carunchosa D. Geneveva, que, de quando em quando, nos lançava de seu volcão lavas d'um rapé exquisito. Ainda assim não viviamos descontentes; antes era motivo para risadas. De dia em dia chegavam novas aventuras e nós sempre diziamos, como Tasso: « *Perduto il tempo, che in amar non si spende, perduto é todo que não é empregado em amar.* »

Hoje, porém, eu afastado desses amenos campos, sem poder lançar-lhe um olhar daquelles que haviam na despedida á noite para o quarto, choro todo dia e ainda mais, quando vejo que um turbilhão *de poeira* do novo *Lacordaire e typos da época* ameaça suffocar-me, perdendo a esperança de não mais vel-a.

*Horribile dictu!*

Quem é *Lacordaire*?

Como não ha mais tempo, deixarei para a segunda.

Adeus.

*Nilson.*

### Ritornello.

(FRANÇOIS COPPÉE.)

A' sombra da alameda, na campina,  
Saudando as graças da estação amena,  
Eu colherei a peregrina estrophe,  
Tu colherás a aligera phalena.

Perto do vime, á sombra do salgueiro,  
Procurando poeticos caminhos,  
Eu ouvirei cantar a doce rima,  
Tu ouvirás cantar os passarinhos.

Ambos seguindo as encantadas plagas,  
Que o rio beija com subtis rumores,  
Eu colherei melodiosos versos,  
Tu colherás embalsamadas flores.

E o amor, favorecendo a phantasia,  
Ha de tornar o estio mais brilhante;  
Tu serás a poesia, eu o poeta;  
Tu serás mais formosa e eu mais amante.

*João Baptista Rigueira Costa.*

### Pelo rompimento das hostilidades com o governo do Paraguay.

*Su, suso, o cittadini, alla difesa  
S'armi ciuscum veloce.*

(TASSO. *Jerusalem.*)

Brasileiros, ás armas, sus, alerta!  
Que ousam assoberbar nossas fronteiras;  
Opponhamos energicas barreiras  
Ao barbaro invasor, que além desperta!

E' mais que justa a causa, a gloria é certa  
A's nossas sempre triumphaes bandeiras;  
Formemos, pois, as validas fileiras...  
Brasileiros, ás armas, sus, alerta!

Conheça o Paraguay hostil e doudo,  
Os modernos Heraclidas temidos,  
O patrio Marte, o nacional denodo!

Defendamos a patria sempre unidos,  
E ha de nos respeitar o mundo todo  
Como novos heróes, de heróes nascidos! (4)

*Francino Cismontano.*

### A' memoria do immortal autor de Marilia de Dirceu.

SONETO.

Graças, Maria bella,  
Graças a minha estrella!

(T. GONZAGA.)

Tu Gonzaga não foste — algum vaqueiro,  
Que vivesse guardando alheio gado —  
Foste sim, de Marilia o bem amado,  
O cantor inspirado e feiticeiro!

Teu estro tão gentil e sobranceiro,  
Teu talento suave e delicado,  
Tuas *lyras* d'amor nos hão mostrado,  
Que foste no trovar vivo luzeiro.

Poeta! é teu renome a eternidade,  
Teus laureis são os cantos fervorosos,  
Inspirados d'amor e de saudade.

(4) *Strike home, and world shall revere us  
As heroes descended from heroes.*

*Thomas Campbell.*

De teu livro os suspiros deleitosos  
Nasceram do carinho e da amizade,  
Nos teus dias de vida desditosos!

Recife, 15 de Janeiro de 1872.

*Antonio Ignacio de Torres Bandeira.*

### Conselho materno.

(DO HESPAÑHOL DE A. CORZO Y BARRERA.)

Quando á luz estes olhos se te abriam  
E meu seio deixavas,  
Todos, em contemplando-te, sorriam  
E tu, só tu, choravas.

Vive, meu filho, para o bem, de sorte  
Que ao findar os teus dias  
Lagrimas custe a todos tua morte  
E tu, só tu, sorrias.

*Francino Cismontano.*

### As tres flores d'alma

(NO ALBUM DE MINHA IRMÃ, FRANCISCA EMILIA.)

Do valle na rude encosta  
Não brotaram tão singellas:  
O monte que é tão florido  
Não tem florinhas tão bellas.

(T. BANDEIRA, poesia ined.)

Tres flores brotaram n'alma  
Da minha vida n'aurora,  
São todas tres mui formosas,  
São deusas que o mundo adora.

São todas tres engraçadas,  
De perfume embriagante,  
São todas tres mui queridas,  
De côr linda, fascinante.

A primeira que nasceu,  
E' simples e mui singella,  
Ella se chama *innocencia*,  
Tão modesta, quanto bella.

Seu nome só, nos captiva  
Pela sua formosura,  
Tem a belleza do lyrio,  
Côr de neve, linda, pura.

A segunda, seductora  
Foi do peito bella flor,  
Nasceu e cresceu comigo,  
Eu a conheço, é *amor*.

Esta é mais feiticeira,  
Mais attrahente na côr,  
E' tão bella como a rosa.  
E tem mais activo odor.

A terceira só nasceu-me  
Quando dei trato a razão,  
No mundo chama-se *gloria*,  
E' flor do meu coração.

A segunda cultivando,  
A *gloria* espero alcançar,  
E' tão linda, tão brilhante,  
Não sei se á posso esposar.

A primeira já murchou  
No peito do trovador,  
Florescem porém as duas,  
Que são: a *gloria* e o *amor*.

Tal é do vate o thesouro  
Gravado no coração,  
*Amor* e *gloria*, são crenças,  
Existem! não morrem não!

Estas flores de minha alma  
São tuas, irmã querida,  
*Innocencia* já possues,  
Não t'a dou emmurcheida.

Aceita porém as duas,  
Que restam ao trovador,  
Ellas são do jardim d'alma,  
Mui formosas, — *gloria* e *amor*.

22 de Maio de 1876.

*Alcipreste.*

### Revista.

• Agradecemos á imprensa desta provincia as palavras honrosas e por demais lisongeiras com que se dignou saudar o reaparecimento do nosso periodico no mundo jornalístico.

\* \*

Fomos obsequiados com os seguintes periodicos: *A Lucta*, *Academus*, *Estréa*, *Juventude*, *Marqueza do Linguarudo*, *Lanterna de Diogenes*, *Liberal Victoriense*, *Popular da Victoria* e *Victoriense*.

A' todas as redacções agradecemos a offerta e retribuiremos com o nosso periodico.

### Aviso

Acha-se á venda, no escriptorio da redacção, a collecção deste periodico, publicado o anno passado, por 500 rs.